

## **A articulação de cláusulas no Português em uso**

Arlete Ribeiro Nepomuceno\*

Ana Clara Gonçalves Alves de Meira\*\*

**A** visão da gramática como sistema autônomo e a concepção de língua como sistema autocontido, sem a interferência de fatores externos, têm sido adotadas e difundidas desde a Antiguidade Clássica até os dias atuais pela Gramática Tradicional. Contudo, estudos têm demonstrado que a língua é viva, flexível, sujeita às múltiplas pressões do uso, tendo como propósito a interação comunicativa em um dado momento, contexto e para um leitor situado no tempo, com competência específica, a qual o leitor deve se adaptar.

Com base nos pressupostos teóricos funcionalistas, estamos propondo uma análise funcional discursiva. A nossa expectativa é a de que as descrições oferecidas contribuam para o ensino menos autoritário de uma Língua Portuguesa, em que a variabilidade linguística possa ser vista, compreendida e respeitada. A partir do estudo dos padrões da língua, no tocante às orações, do modo como os falantes utilizam esses padrões e de como esses padrões se mantêm e diferem ao longo do tempo, no espaço e com propósitos distintos, propomo-nos a trabalhar com uma dimensão de língua dinâmica, criativa, produtiva, maleável no preenchimento das necessidades comunicativas de seus usuários.

---

\* Bolsista FAPEMIG, professora adjunta do Departamento de Comunicação e Letras da Universidade Estadual de Montes Claros e doutoranda no Poslin/FALE/UFMG.

\*\* Mestranda no Poslin/FALE/UFMG.

Considerando as propagandas uma produção de um usuário da língua, que tem expectativas em relação ao leitor e que atua num processo de convencer, de persuadir e de levar à ação por meio de palavras, pretendemos verificar que as proposições hipotáticas adverbiais refletem uma estratégia do discurso. Buscamos, enfim, explicitar as relações sintático-semântico-pragmáticas envolvidas na combinação dessas cláusulas, a partir das ocorrências reais da língua, selecionadas da modalidade escrita.

Nossa análise parte do levantamento de estruturas oracionais, colhidas em diversos materiais linguísticos: revistas, panfletos, anúncios publicitários, enfim, de uma gama variada de fontes, capazes de dar conta do processo de articulação de cláusulas no discurso. Estamos utilizando aqui, especificamente, exemplos de propagandas. Selecionamos essas propagandas pelo fato de elas manifestarem a língua no seu uso efetivo e de serem um tipo de texto que apresenta fortes traços argumentativo-persuasivos, revelando não só as virtualidades semânticas e pragmáticas e seus efeitos no arcabouço da língua, mas também estratégias criativas utilizadas pelo usuário da língua para organizar funcionalmente seu texto para um determinado leitor em uma determinada situação comunicativa. Some-se a isso, ainda, a necessidade que há de as propagandas serem cada vez mais percebidas como forma de se valorizar a língua em relação aos seus usuários. Enfim, trabalhar com propagandas figura como uma tentativa de resgatar a rede de relações, nesse caso implícitas, que governam a combinação de cláusulas, e de compreender as relações contextuais tecidas e entretecidas no discurso.

É lícito afirmarmos que os estudos de caráter tradicional realizados sobre a vinculação de orações restringem-se a uma apresentação de classificações sintáticas ou semânticas. Além disso, o estudo das orações é realizado dentro dos limites do período composto, isolado de seu contexto situacional, desprezando, assim, o discurso.

A fim de analisarmos como a Gramática Tradicional classifica as orações, procuramos resgatar os conceitos de coordenação e subordinação nas gramáticas de Rocha Lima (1969), Bechara (1976) e Cunha e Cintra (1985). Nesse contexto, percebemos que, no âmbito da tradição gramatical, consolidada na NGB, as orações são sempre vistas de forma dicotômica: há, de um lado, os casos de coordenação (ou parataxe), e, de outro, os casos de subordinação (hipotaxe). A coordenação é um processo em que as orações são sintaticamente independentes umas das outras, caracterizando-se pelo fato de implicarem paralelismo de

funções ou valores sintáticos idênticos, ou seja, as orações têm a mesma estrutura sintático-gramatical, não se privilegiando o critério semântico nem o contexto pragmático-discursivo. A subordinação, por sua vez, é um processo de hierarquização de estruturas em que as orações são sintaticamente dependentes. A relação subordinativa pressupõe que uma oração subordinada seja considerada constituinte de outra, caracterizando-as a desigualdade de funções e de valores sintáticos. A questão da independência antes apontada como uma das características diferenciadoras dos dois processos é um problema para análise sintática, visto que nem sempre se explicita a natureza de tal dependência. A independência em que se baseia a classificação fundamenta-se na autonomia apenas de função, e não de sentido.

Já os estudos norteados pelo paradigma funcionalista propõem uma revisão dessa classificação, como se pode ver em Halliday (1985) e Matthiessen e Thompson (1988), entre outros.

Halliday (1985) analisa as orações complexas segundo duas dimensões: interdependência (sistema tático) e tipo de relações semântico-funcionais (sistema lógico-semântico). O sistema da interdependência inclui a parataxe e a hipotaxe, e se aplica a todos os complexos, sejam palavras, sejam orações. Hipotaxe é uma relação entre um elemento dependente e seu dominante, enquanto a parataxe é uma relação entre um elemento com estatuto igual, um iniciando e o outro continuando a sequência. Ficam fora desse eixo tático as relações de encaixamento, as quais compreendem, além das orações que funcionam como pós-modificadores, apenas aquelas consideradas atos e fatos que funcionam como constituinte de estrutura do sintagma que, por sua vez, é constituinte da frase. Desse modo, o encaixamento (em termos tradicionais, as cláusulas complemento e as adjetivas restritivas) não é hipotaxe nem parataxe, pois não constitui uma relação entre orações. Assim, surge, dentro do que se acostumou chamar de subordinação, a diferenciação entre estruturas de encaixamento e estruturas de hipotaxe. Nas estruturas de hipotaxe, enquadram-se, por exemplo, as tradicionais cláusulas adverbiais, as participiais e as adjetivas explicativas.

A segunda dimensão, isto é, a das relações semântico-funcionais que constituem a lógica das línguas naturais, inclui a *expansão* e a *projeção* e é específica das relações interoracionais. A projeção e a expansão, por seu turno, incluem subvariedades, das quais não falaremos esmiuçadamente. Contudo, no que concerne à *expansão*, destacaremos somente a de *realce*, tendo em vista o escopo do nosso trabalho.

Consideramos, neste estudo, nos termos de Halliday (1985), que as orações hipotáticas são um tipo de expansão hipotática de realce<sup>1</sup>. Seguimos, ainda, Matthiessen e Thompson (1988), Mann e Thompson (1983; 1985) — que remetem a Halliday (1985) — e se valem do rótulo hipotaxe de realce, mais adequado para eles do que a subordinação, uma vez que este está livre da conotação de dependência. De acordo com Matthiessen e Thompson (1988), as orações se organizam em uma frase complexa em que a avaliação do grau de interdependência das orações de um enunciado complexo (a parataxe e a hipotaxe de Halliday, 1985) tem de se completar com a consideração das funções discursivas. Assim, é a partir desses pressupostos que se pretende proceder a um tratamento sintático-semântico-pragmático da hipotaxe em propagandas.

Partindo do pressuposto de que a Gramática Tradicional se atém ao nível sentencial, o primeiro passo seria uma perspectiva mais ampla da estrutura e do funcionamento da língua. Nesse ponto, não se pode perder de vista que a língua não se reduz à sua forma, já que essa forma está relacionada a um significado e a serviço de um uso que se faz dela. Um segundo passo seria o entendimento de que, embora independentes, os aspectos formais, semânticos e discursivos de uma língua devem ser articulados, uma vez que representam diferentes faces de um mesmo objeto. Não se trata da mistura indiscriminada de critérios muitas vezes observada nas análises de nossas gramáticas. Esse procedimento pressupõe o reconhecimento de cada nível, isoladamente. É ela que nos permite, por exemplo, que não estructuremos aleatoriamente nosso discurso: a ordenação e a escolha dos elementos linguísticos é, em última análise, orientada por diversas funções que a língua é convidada a desempenhar.

Mann e Thompson (1983; 1985) e Thompson & Mann (1987 apud Decat, 2001, p.12), discutindo o fenômeno de articulação de cláusulas objetivando verificar que tipo de texto funciona em termos de coerência, trabalham a noção de proposições implícitas, as quais auxiliarão para a análise das cláusulas hipotáticas justapostas adverbiais em propagandas. De modo geral, as relações inferidas não são ditadas por meio de um elo conjuntivo e, mesmo se houvesse a presença dele, não seria possível somente um processo inferencial, o que refuta aquela ideia de que se deve dar ênfase ao significado das conjunções. O

---

<sup>1</sup> Entende-se por hipotaxe adverbial ou de realce “o fenômeno de articulação de cláusulas que se combinam para modificar ou expandir, de alguma forma a informação contida em outra cláusula (ou porção do discurso), o que é manifestado pelas relações circunstanciais” (Decat 2001, p.110).

modo como elas se combinam seria um reflexo da organização geral do discurso, pois entre elas estariam as mesmas relações presentes no discurso como um todo.

Segundo Mann e Thompson (1983), as proposições relacionais podem ser definidas como uma combinação entre duas ou mais partes do texto, não sendo preciso que sejam partes adjacentes. Quando uma proposição relacional estabelece uma relação entre partes de um texto, os argumentos discursivos dela nem sempre correspondem a porções literais do texto, mas sim a entidades conceituais derivadas daquelas porções. Dizendo de outra forma, as proposições relacionais se definem como a *ideia* que emerge das cláusulas<sup>2</sup> que se articulam no discurso.

Nessa perspectiva, é salutar destacar que, em cláusulas que se articulam, podemos encontrar mais de uma proposição relacional ou uma que seja dominante entre as demais. O que apontará qual será preponderante é o contexto, a situação comunicativa, a intenção dos falantes.

Para compreendermos melhor essa definição, façamos alusão às propagandas:

- (1) Sedex. Mandou, Chegou.
- (2) Comprou, Levou.
- (3) Gostou? Alugue na Master.
- (4) Raspou. Achou. Ganhou!
- (5) Comprou. Ganhou.

Sob a égide da Gramática Tradicional, podemos afirmar que esses casos serão analisados como estruturas de coordenação assindética, orações paratáticas e, até mesmo, orações subordinadas assindéticas<sup>3</sup> (Bechara, 1976), não sendo reconhecidas as relações de condição, tempo e causa que emergem do processo inferencial de articulação de cláusulas; estas figurarão como cláusulas justapostas de relação hipotática adverbial, caso sejam percebidas não se levando em conta somente a forma (sintaxe).

Nesse contexto, a significação não está presa à sentença, priorizando a sintaxe em detrimento da semântica e da pragmática. Ao contrário, ela parece ser moldável, maleável, adaptando-se a diferentes

<sup>2</sup> Neste estudo, consideraremos cláusula como oração, assim como Decat (2001).

<sup>3</sup> Bechara (1976) considera como subordinadas assindéticas as orações que são ditas dependentes semanticamente, mas, sintaticamente, não são ligadas por conjunções.

contextos, em função de necessidades comunicativas. Ela é negociada pelos interlocutores em situações contextuais específicas, o que possibilita que elementos linguísticos se adaptem às diferentes intenções comunicativas, apresentando flutuações de sentido.

Ao entendermos as proposições relacionais como a *ideia* que emerge da articulação de cláusulas, podemos dizer que essas *ideias* se concretizam a partir dos predicados que constituem as cláusulas, isto é, cada proposição relacional está ligada a um predicado relacional. A diferença entre ambos residiria no fato de que a proposição relacional seria a *ideia* por si mesma, já o predicado relacional é aquilo que se constitui por causa dessa *ideia*. Assim, se nos depararmos com uma proposição relacional de causa e condição, teremos, respectivamente, um predicado relacional de causa e condição.

É nessa direção que Mann e Thompson (1983) propõem uma lista de alguns predicados relacionais que se estabelecem a partir das proposições relacionais. Os autores asseveram que a lista proposta é de curta extensão, permitindo uma compreensão do que sejam os predicados relacionais. Todavia, podemos depreender muito mais do que a lista mencionada, pois a *ideia* que emerge da articulação de cláusulas pode variar de um idioma para outro e de um lugar para outro, já que se relaciona às questões contextuais e culturais.

Os predicados relacionais citados por Mann e Thompson (1983) são de: solução, evidência, justificação, motivação, razão, sequência, capacitação, elaboração, reformulação, condição, circunstância, causa, concessão, fundo e contraste. A título de ilustração, exemplificamos os predicados relacionais elencados por Mann e Thompson (1983), a fim de demonstrar, pelo menos, superficialmente como os autores definem esses predicados. Para melhor compreensão dessas relações, em alguns predicados, além dos exemplos, acrescentaremos também definições e explicações apresentadas por Mann e Thompson (1983). Assim, citamos:

Solução<sup>4</sup>: *I'm hungry. Let's go to the Fuji Gardens* (Estou com fome. Vamos ao Fuji Gardens.).

Evidência: *Smith seems to have a new girlfriend. He's been paying a lot of visits to New York lately* (Parece que Smith tem uma nova namorada. Ele está indo muito a Nova York ultimamente.).

---

<sup>4</sup> Todos os exemplos foram retirados de Mann e Thompson (1983). Ressaltamos que, ao lado de cada exemplo, colocamos a nossa tradução.

Justificação: *I'm Officer Krupke. You're under arrest* (Eu sou o official Krupke. Você está preso.).

Motivação: *Go jogging with me this afternoon. You'll be full of energy* (Caminhe comigo esta tarde. Você ficará cheio de energia.).

Razão: *I'm going to the corner. We're all out of milk* (Estou indo para a esquina. Estamos sem leite.).

Sequência: *The huge rod was releasead at an altitude of about 6 miles. It struck with such force that it buried itself deep into the ground* (A enorme haste foi lançada na altitude de aproximadamente 6 milhas. Ela caiu com tal força que se enterrou no chão.).

Capacitação: *Could you open the door? Here's the key* (Você poderia abrir a porta? Aqui está a chave.).

Elaboração: Conforme Mann e Thompson (1983), esse predicado está ligado ao fato de cada parte do texto elaborar ou especificar melhor os conceitos expressos pela outra parte. *I'm unhappy about your performance. You come in drunk and you insult the busboy* (Eu não estou contente com suas atitudes. Você chega bêbado e insulta o trocador.).

Reafirmação: *I'm a pacifist. I'm opposed to all war* (Eu sou pacífico. Sou contra qualquer guerra).

Condição: *Give her a subscription to Science magazine. She'll be in seventh heaven* (Dê a ela uma assinatura da revista Science. Ela ficará maravilhada.).

Circunstância: *I went hitchhiking in Norway. Nobody would pick me up* (Eu pedi carona na Noruega. Ninguém me daria carona.).

Causa: *It costs too much to buy a house in California. We're going to have to rent an apartment* (É muito caro comprar uma casa na Califórnia. Nós teremos de alugar um apartamento).

Concessão: *I Know you have great credentials. I'm looking for someone with great experience* (Eu sei que você tem ótimas credenciais. Eu estou procurando por alguém com muita experiência).

Fundo: Refere-se a uma parte do texto, fornecendo uma informação de fundo, sem a qual a outra porção do texto não pode ser adequadamente compreendida. Mann e Thompson (1983) mencionam uma situação em que o locutor, um membro de uma faculdade, em uma certa universidade, está falando de alguém de uma instituição rival. *Hayes just resigned. He's our chancellor* (Hayes acabou de renunciar. Ele é nosso chanceler.).

Contraste: *We don't want orange juice. We want apple juice* (Não queremos suco de laranja. Queremos suco de maçã.).

Se analisarmos as cinco propagandas citadas em nosso *corpus*,

perceberemos que, em relação à articulação de cláusulas, teremos duas *proposições* relacionais dominantes: a de *condição* e a de *motivação* e, conseqüentemente, dois predicados relacionais: um de condição e outro de motivação. A proposição relacional de condição é definida por Mann e Thompson (1983) por fornecer uma condição através da qual a outra cláusula se estabelece. Já a de motivação surge quando o intuito é motivar ou aconselhar o interlocutor a fazer algo, sendo frequente em textos publicitários.

Notamos que as proposições relacionais que prevalecem nessas cláusulas estão também ligadas a noções como persuasão. Assim, a título de ilustração, entre os exemplos dados, analisamos *Sedex. Mandou, Chegou* para demonstrar essa noção e as ideias de condição e de motivação que estão presentes em todas as propagandas do nosso *corpus*. Percebemos que, nessa propaganda, o produtor do anúncio publicitário deseja transmitir ao leitor que *algo só chegará, se alguém usar o Sedex*. Além disso, a combinação de *Mandou, Chegou* motiva o leitor a utilizar o *Sedex*, por possibilitar a inferência de esse ser um meio rápido e eficaz. Logo, as proposições relacionais contribuem também na formação dos fortes laços argumentativo-persuasivos presentes nas propagandas. A persuasão é uma característica marcante em textos publicitários, além de revelar estratégias criativas utilizadas pelo falante para organizar funcionalmente seu texto.

Além dessas proposições relacionais mencionadas nas cinco propagandas, depreendemos, ainda, a ideia de *capacitação*, pois o ato de *mandar, comprar, gostar, raspar e comprar* capacita o leitor a *chegar, levar, alugar, ganhar e ganhar*<sup>5</sup>, nessa ordem. Ademais, em todos esses anúncios publicitários, notamos, também, a proposição relacional de *sequência*, pois a ordem na qual as orações aparecem não pode ser alterada. Desse modo, a título de exemplificação, não diríamos: *Levou, Comprou; Ganhou! Achou. Raspou* ou, até mesmo, *Achou, Ganhou! Raspou*. Essas análises nos levam a comprovar, como já havíamos mencionado anteriormente, que o estudo das proposições relacionais não pode ser isolado de fatores sintático-semântico-pragmáticos; eles contribuem para a percepção das proposições relacionais predominantes em determinadas orações.

Por que destacamos o estudo das proposições relacionais? Primeiramente, é possível citarmos que semelhante estudo permite que entendamos as orações e as classifiquemos não somente baseados em

---

<sup>5</sup> Esses verbos estão na mesma sequência das propagandas do nosso *corpus*. Nessa medida, a primeira sequência dada corresponde à segunda.

critérios formais, observando as conjunções que as constituem, mas sim em critérios discursivos, pois consideraremos o contexto para depreendermos as proposições relacionais. Logo, o uso da conjunção *embora* não nos levará a uma classificação imediata e automática de uma concessiva, já que outros aspectos como os semânticos e os pragmáticos também serão observados. Percebemos, portanto, que as proposições relacionais são estabelecidas independentemente de marcas específicas, tais como conjunções, por exemplo. Nesse sentido, Mann e Thompson (1983, p.13) afirmam que:

[...] é muito mais aceitável que uma caracterização funcional seja definitiva. Por exemplo, um conjunto de texto que expressa uma forma aceitável de encontrar o que é necessário ou resolver aquele problema deve ser suficiente para garantir que uma relação de ‘solução’ se manifeste<sup>6</sup>.

Outra questão importante nas proposições relacionais é a responsabilidade social. Desse modo, conforme menciona Mann e Thompson (1983, p.16), “se você disser ‘está chovendo’, e eu olhar para fora e vir que não está chovendo, eu posso voltar e dizer ‘Mas você disse que estava chovendo’<sup>7</sup>”.

O estudo das proposições relacionais pode, inclusive, trazer uma contribuição pedagógica, já que, não se atendo somente à análise gramatical das orações, poderá apontar a importância de a escola valorizar a intuição revelada pelos falantes, a sua produtividade e criatividade na expressão oral. Além disso, possibilita-nos que, partindo dos enunciados, observemos as relações que os transcendem, não nos limitando, portanto, ao nível frástico.

Neste trabalho, apresentamos uma análise do funcionamento das orações ditas adverbiais em situações concretas de comunicação no português escrito contemporâneo do Brasil, baseada no modelo funcionalista de análise linguística. Nesse ponto, consideramos o nível discursivo em que as propagandas são efetivamente realizadas, bem como os aspectos sintático-semântico-pragmáticos envolvidos. Ao lado dos aspectos discursivos pragmáticos, foram analisadas as proposições

<sup>6</sup> [...] it is much more plausible that a functional characterization can be definitive. For example, a range of text which conveys a plausible way to meet that need or solve that problem, might be sufficient to guarantee that a ‘solutionhood’ relation would arise.

<sup>7</sup> If you say ‘It’s raining’, and I look outside and see that it is not raining, I can come back and say, ‘But you said it was raining’.

relacionais responsáveis pela configuração da construção hipotática.

Evidenciamos, assim, a relevância de ser trabalhada a língua no seu uso efetivo, já que aí se manifestam plenamente as escolhas do escritor na organização de seu discurso.

### Referências bibliográficas

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 19. ed. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1976.

CUNHA, C. & CINTRA, L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1985.

DECAT, M. B. N. A articulação hipotática adverbial no português em uso. In: DECAT, M. B. N.; SARAIVA, M. E. F; BITTENCOURT, V. O; LIBERATO, Y. G. *Aspectos da Gramática do Português: Uma abordagem funcionalista*. Campinas: Mercado de Letras, 2001, cap.3, p.103-166.

HALLIDAY, M.A.K. *An Introduction to functional grammar*. Great Britain: Edward Arnold, 1985.

MANN, W. C. & THOMPSON, S. A. *Relational proposition in discourse*. California: University of Southern California, 1983, 28 p. (ISI/RR-83-115).

\_\_\_\_\_. *Assertions from discourse structure*. California: University of Southern California, 1985, 14 p. (ISI/RS-85-155).

MATTHIESSEN, C.; THOMPSON, S. A. The structure of discourse and “subordination”. In: HAIMAN, J.; THOMPSON S.A. (Eds.). *Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdam: John Benjamins, 1988, p.275-329.

ROCHA LIMA, C. H. *Gramática normativa da língua portuguesa – Curso médio*. 14. ed. Rio de Janeiro: F. Briguet & Cia Editores, 1969.

### Resumo

Neste trabalho, estudamos hipotaxe adverbial, analisando ocorrências reais da língua, selecionadas em propagandas, partindo da hipótese de que a forma do discurso se deve a estratégias discursivas. Valemo-nos do Funcionalismo, mais precisamente, das proposições relacionais. Essa perspectiva investiga a língua enraizada no uso e condicionada a situações de interação variadas. Nessa via, objetivamos evidenciar as relações implícitas que emergem da combinação de cláusulas hipotáticas adverbiais em propagandas, entre outros. A metodologia revela as vicissitudes do discurso, analisando-se o *corpus* de forma qualitativa. Concluímos que a forma dessas cláusulas advém dos interesses comunicativos, a qual constitui um fenômeno gramatical complexo.

**Palavras-chave: hipotaxe adverbial; Funcionalismo; proposições relacionais.**

#### **Abstract**

In this work, we study hipotax adverbial, analyzing real occurrences of the language, selected in advertising texts, starting from the assumption that the form of the speech is due to speech strategies. We will use Functionalism, more precisely, relational propositions. This perspective studies language related to use and conditioned to varied situations of interaction. In this way, we objectify among others to evidence the implicit relations that emerge of the combination of adverbial hypotactic clauses in advertising texts. The methodology discloses instabilities of the speech, analyzing the *corpus* in a qualitative form. We have concluded that the form of these clauses results from the communicative interests, which constitute a complex grammatical phenomenon.

**Key words: adverbial hipotax; Functionalism; relational propositions.**